

AS REPERCUSSÕES DE “PALESTINA” DE JOE SACCO NO BRASIL EM 2021: UMA ANÁLISE DA OBRA À LUZ DOS TEMPOS ATUAIS

THE REPERCUSSIONS OF JOE SACCO’S “PALESTINE” IN BRAZIL IN 2021: AN ANALYSIS OF THE WORK IN THE LIGHT OF PRESENT TIMES

Fernando de Oliveira Vieira¹

Resumo: A resenha tem como objetivo discutir as repercussões, no Brasil, da narrativa gráfica *Palestina*, do jornalista e cartunista Joe Sacco, conhecido pela modalidade “jornalismo em quadrinhos”. Sua obra retrata o conflito na região da Palestina nos anos 1991 e 1992, quando ocorreu a Primeira Intifada, e foi relançada num volume único em 2021, neste país. Pretende-se analisá-la quanto a sua recepção e discutir sua pertinência e atualidade, dialogando com o contexto atual em relação aos palestinos e o estado de Israel, tendo em vista a ascensão de novas modalidades de extrema direita em diversos países, incluindo o Brasil. Outro aspecto da análise visa desenvolver o diálogo que essa obra faz com autores como Edward Said.

Palavras-chave: Jornalismo, quadrinhos, conflito, palestinos, israelenses.

Abstract: The review aims to discuss the repercussions, in Brazil, of the publication of the graphic novel *Palestine* by the journalist and cartoonist Joe Sacco, known for his “comic book journalism” modality. His work portrays the conflict in Palestine region in the years 1991 and 1992, when the First Intifada took place, and which was re-released in a single volume in 2021 in this country. We intend to analyze this graphic novel regarding its reception and to discuss its relevance and actuality, dialoguing with the current context regarding the perspective of the Palestinians and the state of Israel, in view of the rise of new extreme right modalities in several countries, including Brazil. Another aspect of the analysis aims to develop the dialogue that this work makes with authors such as Edward Said.

Keywords: Journalism, comics, conflict, Palestinians, Israelis.

Palestina
Joe Sacco
Editora Veneta
328 páginas
Narrativas gráficas
Tradução: Cris Siqueira
2021, 1ª edição

A nova edição brasileira de *Palestina*, lançada após 30 anos da primeira publicação nos Estados Unidos, versa sobre a estadia do jornalista e cartunista maltês-americano, Joe Sacco, por dois meses e meio, nos invernos de 1991-1992, nos períodos da Primeira Intifada² em dois territórios palestinos (Faixa de Gaza e Cisjordânia) e em Israel (Sacco,

¹ Mestre em ciências sociais no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unifesp em 2016 e sociólogo na Prefeitura de Guarulhos. Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6119396535497262>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3743-1413>. E-mail: csfernandovieira@yahoo.com.br.

² Levante de um grupo de palestinos que ocorreu nos anos de 1987 a 1993, liderado pela Organização pela Libertação da Palestina (OLP). Outra facção, o Hamas, surgiu naquele contexto, pregando a destruição do Estado israelense. A Primeira Intifada acaba quando é assinado o Acordo de Oslo entre o governo israelense e a OLP, prevendo a auto governança dos territórios palestinos pela Autoridade Nacional Palestina, criada a partir desse

2021: XVI). Nesse período, se destacava a liderança de Yasser Arafat da Organização pela Libertação da Palestina (OLP), principal agrupamento que atuava em nome dos palestinos na época, enquanto Israel era governado pelo primeiro-ministro Yitzhak Shamir do Likud. Sacco esteve nessas localidades de grande tensão entre israelenses e palestinos em dois territórios com população árabe palestina, ocupados e administrados pelas Forças Armadas Israelenses desde 1967, após a Guerra dos Seis Dias. O contexto da visita de Sacco nessas localidades era de conflito agravado pela intifada, que ocorria há quatro anos, desde 1987.

A situação de tensão entre árabes palestinos e judeus israelenses tem raízes antigas que remetem a questões territoriais e religiosas. Trata-se de territórios habitados por árabes palestinos e judeus, com uma série de disputas que se intensificaram com a independência de Israel em 1948, resultando em hostilidades e guerras³, e teve como uma das consequências a desterritorialização dos árabes palestinos, que também reivindicam uma área denominada Palestina. Essa população vive em territórios ocupados por Israel (Cisjordânia e Faixa de Gaza) e em outros países⁴, o que tem relação com conflitos armados, como as guerras civis no Líbano (1975-1990), retratado em filmes recentes, como *O Insulto*⁵.

Palestina foi publicada originalmente nos Estados Unidos, pela Fantagraphics Books, em 9 edições de 24 e 32 páginas nos anos de 1993 a 1995, já no período em que o Acordo de Oslo de 1993 estava vigente, prevendo a paz entre Israel e a OLP. No Brasil, foi publicada em três edições nos anos de 2000, 2003 e 2005, pela editora Conrad (Enrico Molero, 2007).

A presente edição brasileira, de 2021, foi organizada pela editora Veneta, contando com 286 páginas de quadrinhos de 9 capítulos, mais 38 páginas com os prefácios de Edward Said, do jornalista e ex-coordenador do curso de jornalismo da PUC São Paulo, José Arbex Júnior⁶,

acordo. A Segunda Intifada ocorreu no período de 2000-2005. Um dos eventos que desencadearam esse conflito foi a visita de Ariel Sharon, liderança de direita do Likud, ao Monte do Templo, local sagrado para cristãos, muçulmanos e judeus, localizada em Jerusalém Oriental, área reivindicada como futura capital da Palestina que está ocupada por Israel. A visita foi vista como provocação por organizações palestinas, interpretada como uma reivindicação de Israel dos territórios ocupados e dos locais sagrados (Darko Janjevic, 2017).

³ Ao longo do século XIX, o território que deu origem a Israel foi parte do Império Otomano e depois da Inglaterra, habitado por maioria de árabes palestinos e uma minoria de judeus. Havia uma corrente sionista que estimulava a vinda de judeus para o território por razões religiosas e pelo intenso antissemitismo em diversos países da Europa, que havia se ampliado. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os horrores do holocausto nazista intensificaram a vinda de judeus e, em 1948, ocorreu a Independência de Israel, um estado que abrigaria judeus. Isso não foi aceito pelos países árabes, acarretando a 1ª Guerra Árabe Israelense, quando Egito, Síria, Líbano, Iraque e Transjordânia (atual Jordânia) atacaram Israel. Israel venceu a guerra e ampliou seus territórios, a Jordânia ocupou a Cisjordânia, o Egito e a Faixa de Gaza, terras onde viviam os palestinos. Durante a Guerra dos Seis Dias, Israel ocupou a Cisjordânia e a Faixa de Gaza, territórios com predomínio de população árabe palestina (Said, 2012: 3-16).

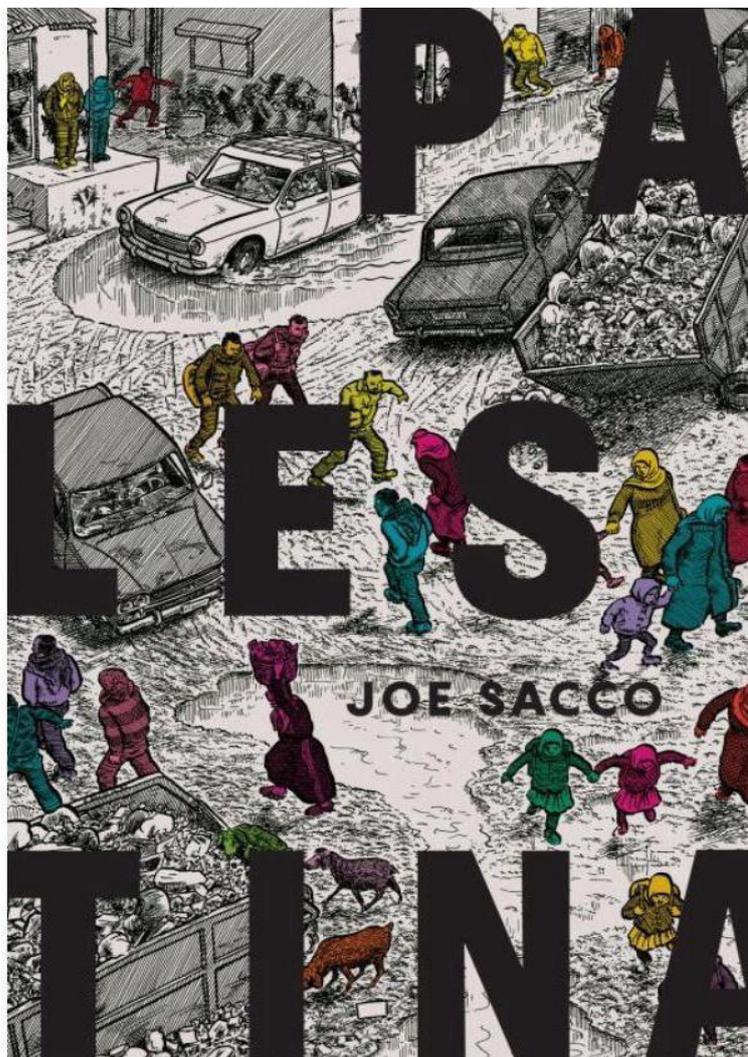
⁴ Jordânia, Líbano, Síria, Arábia Saudita, Egito, por exemplo, abrigam refugiados palestinos, outros de origem árabe-palestina se tornaram cidadãos israelenses e outros vivem em territórios ocupados militarmente por Israel: Faixa de Gaza e Cisjordânia (Said, 2012: 133).

⁵ Filme de Ziad Douri, que retrata o conflito ocorrido em Beirute entre um cristão libanês e um palestino refugiado no Líbano, que evolui para uma difícil contenda jurídica, resultando em hostilidades internas no Líbano e reascende os traumas de guerras civis ocorridas no país (1975-1990).

⁶ José Arbex Júnior, jornalista com experiência em coberturas internacionais e ex-editor da revista *Caros Amigos*, além de professor de jornalismo, exalta, no prefácio da edição brasileira, a narrativa gráfica *Palestina* como a representação gráfica do sofrimento dos palestinos, sendo esta obra de história em quadrinhos, para

■ resenha de livro

e do próprio Joe Sacco de 2007 (Sacco, 2021: XV-XVII), mais anotações minuciosas de seu trabalho no item intitulado “Trabalho de Campo” (ibid.: XVIII-XXVI), onde o autor contextualiza alguns dos diálogos retratados no quadrinho e trata dos esboços abertos, aos quais concebe seis números, que se tornaram nove. Há, ainda, registros de seu diário, fotos, estilo de reportagem e de desenhos, bem como trechos excluídos e capas (ibid.: XXVII-XXXVIII).



Capa do álbum de luxo publicado pela editora Veneta, em 2021.

Trata-se do primeiro trabalho no qual mesclou sua atuação como jornalista, formado pela Universidade de Oregon, especializado em cobrir conflitos armados e retratá-los em história em quadrinhos, mostrando suas entrevistas e participando como personagem e narrador. Antes dessa publicação, Sacco já desenhava cartuns na Alemanha.

ele, muito mais real do que as imagens do modelo de jornalismo da CNN americana, que retratou a Guerra do Iraque como uma guerra sem sangue, na qual os árabes eram descritos como um povo fanatizado. Desse modo, o jornalismo em quadrinhos de Sacco é considerado mais verossímil do que imagens feitas sob o ponto de vista das Forças Armadas norte-americanas, uma vez que o jornalista maltês conviveu nas zonas de conflitos com os moradores e deu voz a eles, em contraposição a um modelo de jornalismo uniformizado (Sacco, 2021: X-XIV).



Autorretrato de Joe Sacco, o narrador-personagem. Fonte: Sacco, 2021: 116.

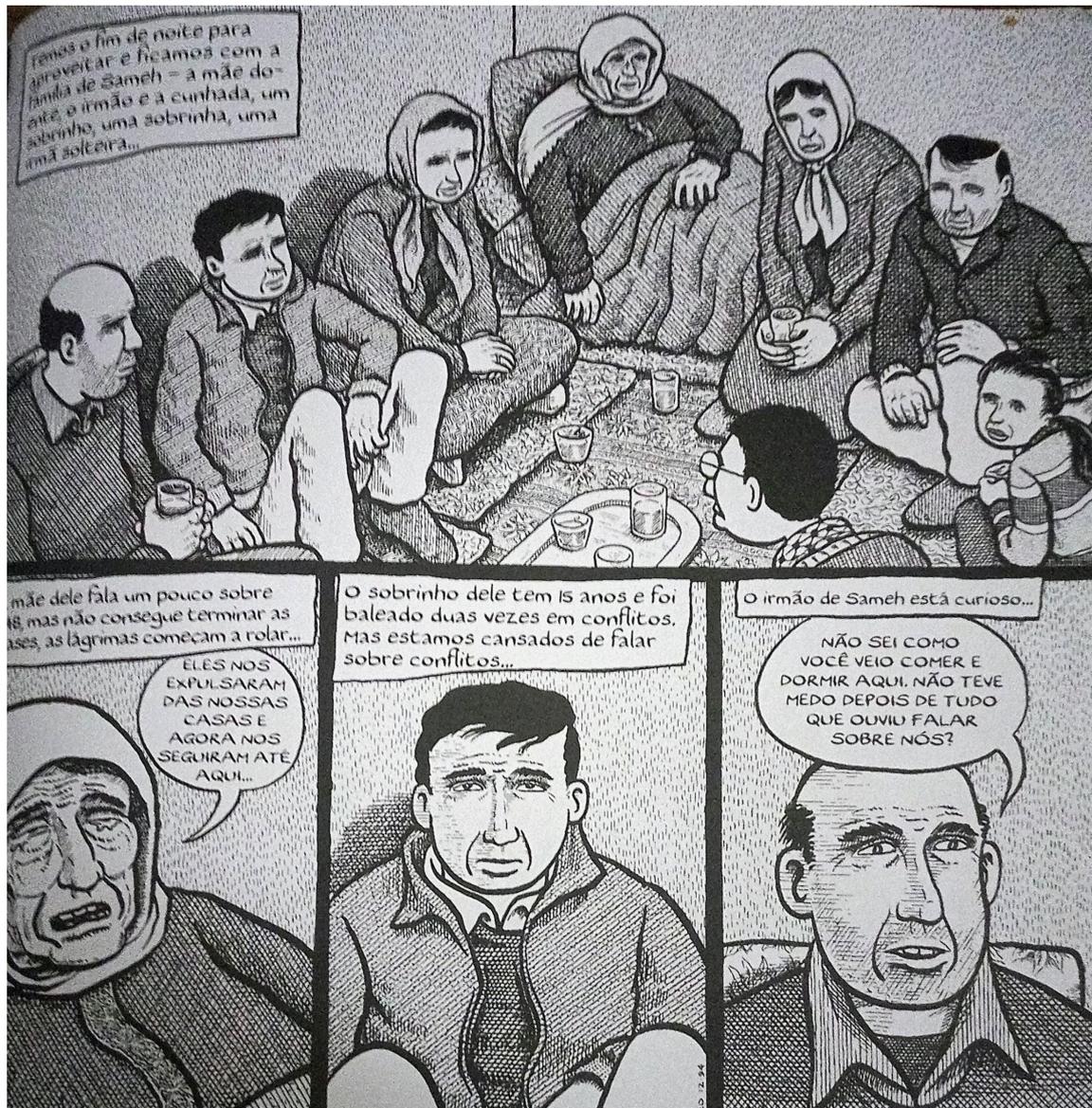
O estilo de seu jornalismo em quadrinhos é caricatural, denominado por ele como *Bigfoot* (Sacco, 2021: XVII), e ao mesmo tempo “realista”, procurando mostrar através de sua técnica de desenho a gravidade do conflito, retratando a situação dos territórios palestinos da Cisjordânia e Faixa de Gaza durante a Primeira Intifada e a difícil relação de seus habitantes com Israel, discutindo a pobreza e a violência presentes naquelas áreas de conflito. Trata-se também de um relato de viagem em que narra sua ida da Alemanha até a Palestina através do Egito.

Parece um documentário em quadrinhos narrado em preto e branco, no qual o narrador-personagem está presente em todos os acontecimentos e mediando os registros orais através de suas anotações. Outro aspecto importante é a intensa convivência de Sacco com palestinos e em menor grau com israelenses, frequentando suas casas e morando no período de sua reportagem em territórios palestinos e em Israel.

Os palestinos, retratados por Sacco, descrevem suas vidas na Cisjordânia e Faixa de Gaza através das entrevistas. A forma como o autor as registra procura chamar a atenção para as situações de pobreza dessas populações, concentradas em dois territórios descontínuos que se caracterizam pela ocupação militar de Israel e pelo desemprego, visto que boa parte da mão de obra palestina trabalhava em empregos de baixa remuneração em Israel. Nos dois territórios, relata-se casos de violência ou prisão sofridos em Israel. Registra-se também a destruição de casas, prédios, bairros inteiros pelas Forças Armadas Israelenses e o avanço dos assentamentos judaicos em territórios palestinos.

■ resenha de livro

As entrevistas de Sacco são feitas com pessoas de diversas faixas etárias: crianças, jovens e idosos. Os relatos de idosos são interessantes pelo fato de apresentarem o registro oral de suas versões para a origem do conflito que remete a Declaração de Balfour⁷. Em geral, o tom das entrevistas dos palestinos indica um conflito interminável e que todo processo de paz sempre está fadado ao fracasso.



Sacco entrevista palestinos. Fonte: Sacco, 2021: 229.

Em Israel, Sacco fica menos tempo. O tema das entrevistas é a percepção dos israelenses sobre os palestinos. Nelas, constata-se o medo do terrorismo, o posicionamento de alguns israelenses em favor da paz e de um Estado palestino e a contrariedade de outros em relação

⁷ Documento inglês de 1917 que previa o estabelecimento de um lar para o povo judeu no território da Palestina, na época administrado pela Inglaterra com maioria árabe, mas havia uma campanha para judeus se estabelecerem nesse território feita pelo movimento sionista, reclamando um território prometido originalmente por Deus e ao mesmo tempo solucionar o problema judeu (Said, 2012: 15, 18; Sacco, 2021: 12).

■ resenha de livro

à construção de assentamentos judaicos em territórios palestinos. A percepção do autor quanto a certos israelenses é da visão estereotipada em relação aos palestinos, retratados em geral como terroristas ou fundamentalistas. Tal visão é intensificada, conforme mostra este trabalho jornalístico, pela militarização da sociedade israelense, visto que todo cidadão deste país, homem ou mulher, deve servir às Forças Armadas, sendo exposto ao conflito e vendo os palestinos dos territórios ocupados como inimigos.

Palestina foi premiada pelo American Book Award em 1996, o que estimulou Joe Sacco a continuar seu trabalho com jornalismo em quadrinhos em obras como *Uma história sobre Sarajevo*, *Reportagens*, *Notas sobre Gaza*, *Gorazde: Área De Segurança*, *A Guerra na Bósnia Oriental 92-95*, entre outras.



Capas de outros trabalhos de Sacco publicados no Brasil. Fonte: Guia dos Quadrinhos⁸.

Sacco escreveu e desenhou sobre conflitos em outros países, por exemplo, a Iugoslávia no período da guerra civil entre sérvios, croatas e bósnios. Foi ao Iraque na Segunda Guerra do Golfo. Esteve em áreas miseráveis na Índia, voltou a Palestina em mais de uma ocasião, como em *Notas sobre Gaza* (2010)⁹.

Verifica-se que as características utilizadas em *Palestina* permanecem em obras posteriores, como a mescla entre caricatura e realismo, o uso do recurso do “narrador

⁸ Capas de publicações de Joe Sacco: www.guiadosquadrinhos.com/trabalhos-de/joe-sacco/482.

⁹ Sacco, em 2002 e 2003, vai a Faixa de Gaza e Israel para investigar o massacre de palestinos em Khan Younis e Rafah por soldados israelenses em 1956, o que resultou em sua obra *Notas sobre Gaza* (2010).

■ resenha de livro

personagem”, o convívio com populações em conflito, como em *Gorazde*, que narra os momentos de convívio de Sacco com bósnios, croatas e sérvios.

Outro atributo presente em suas obras é de não se mostrar ou se apresentar como algum tipo de autoridade ou especialista no assunto/região. Sua postura como autor/jornalista é buscar dar voz aos entrevistados e fazer uma investigação minuciosa, cada vez mais intensa, presente em obras como *Notas sobre Gaza* (2010).

Seu primeiro trabalho jornalístico usando os quadrinhos como recurso não está preso aos pressupostos do jornalismo tradicional. Sacco (2021: 17) afirma que a intenção de sua obra não é a objetividade, mas a honestidade. Também foge do estilo dos quadrinhos tradicionais (infantis ou de super-heróis), cuja visão é infantilizada ou maniqueísta. Tais elementos parecem remeter a uma *graphic novel*/narrativa gráfica de estilo norte americano de quadrinhos voltado para o público adulto, inaugurado nos anos 1970 por Will Eisner, na obra *Um Contrato com Deus. A graphic novel* (narrativa gráfica), conforme aponta Vigna (2011), caracteriza-se por apresentar pretensões literárias, almejando sair de sua recepção tradicional como bem de consumo destinado a crianças ou a um público semiletrado. Haveria, assim, certos elementos no trabalho de Sacco que lembram uma *graphic novel*, como o direcionamento a um público adulto, além dos elementos autobiográficos. Porém, Sacco procura afastar-se dessa classificação a qual abomina, vendo-a como produto de marketing (ibid.: XVII). De qualquer forma, independente da classificação, as obras de Sacco, a partir de *Palestina*, caracterizam-se por mesclar elementos do jornalismo profissional, cobrindo situações de conflito e pelo caráter autoral.

A narrativa de Sacco também parece ter algumas características dos denominados quadrinhos alternativos dos Estados Unidos na década de 1970, de autores como Robert Crumb, uma de suas principais influências, a exemplo do recurso da caricatura, como o próprio autor reconhece em sabatina feita pela *Folha de S.Paulo* (Não..., 2011; Minha..., 2011). Porém, o estilo de Sacco não é satírico como o de Crumb.

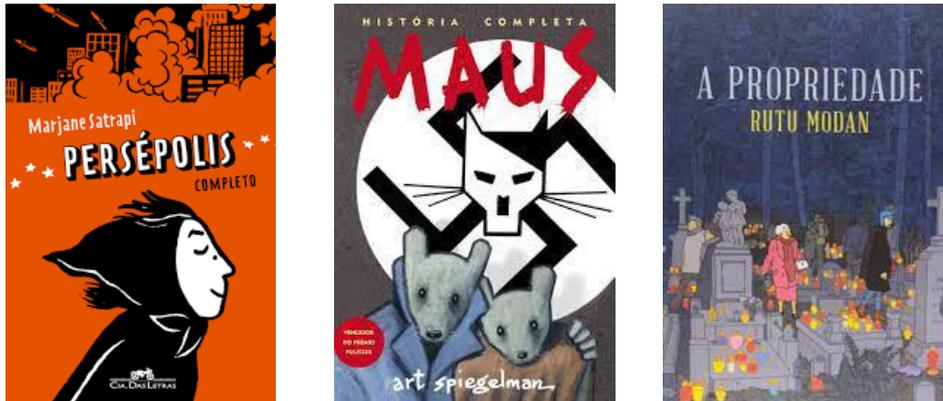
Remete também a autobiografias em quadrinhos sobre experiências históricas trágicas, como *Maus*, de Art Spiegelman, que aborda o holocausto¹⁰ através da memória do pai do autor no campo de concentração de Auschwitz, usando a representação metafórica dos ratos como judeus e os nazistas como gatos – obra ganhadora do prêmio Pulitzer.

Dentre as autobiografias que utilizam recursos similares ao de Sacco, tratando de contextos políticos em suas obras, destacam-se também, por exemplo, os trabalhos de Marjane Sapatre, iraniana que retrata em suas obras (*Persépolis* e *Bordados*) a situação do Irã, após a revolução islâmica de 1979, narrando em quadrinhos sua autobiografia, a repressão política e religiosa no país, mostrando seus resultados para sua família, através de seus olhos de iraniana de classe média, filha de pais progressistas, num quadrinho em preto e branco.

¹⁰ Episódio que remete ao extermínio de judeus na Segunda Guerra Mundial.

■ resenha de livro

Uma outra autora que pode ser importante para estabelecer um diálogo com Sacco é Rutu Modan, quadrinista israelense que reflete sobre a sociedade de seu país e cuja obra *A Propriedade* foi publicada no Brasil. Através de seus personagens, fala sobre o holocausto e questões do passado, como os judeus que perderam propriedades na Polônia no período nazista.

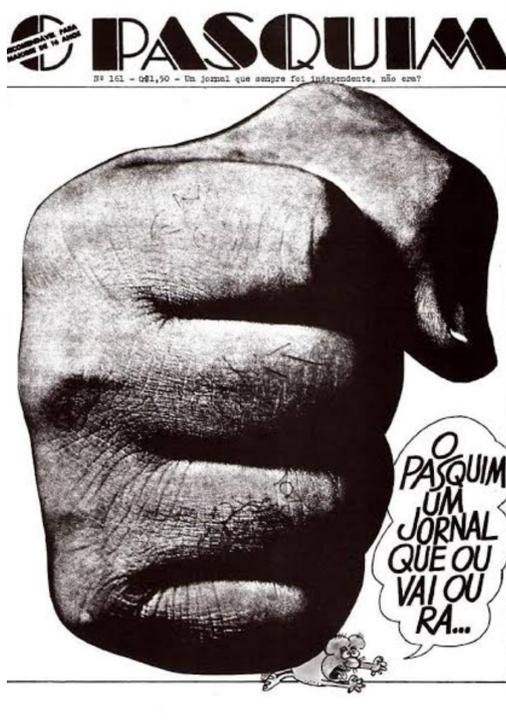


Capas de Persépolis, Maus e A Propriedade. Fonte: Google Imagens.

A recepção positiva de *Palestina* em jornais brasileiros talvez possa remeter ao diálogo existente no jornalismo com cartuns, charges, tiras de jornais e histórias em quadrinhos. Por exemplo, o jornal semanal *Pasquim*, na década de 1970, influenciado pela contracultura, mesclava jornalismo, humor e cartuns, criticando a ditadura militar vigente no país naquele período, utilizando como recurso estilístico o riso como arma contra o arbítrio (José Luiz Braga, 1991: 160). Fazia um jornalismo não convencional, a partir de recursos como longas entrevistas, cartuns, quadrinhos, fotonovelas, e colunas sobre temas underground – todos com elementos satíricos em relação aos costumes e às convenções da época. Além disso, o jornal influenciou diversas outras publicações¹¹. Outro exemplo são os jornais diários convencionais que empregam cartunistas que usam suas tiras para fazer críticas políticas aos costumes, como Angeli e Laerte. Há ainda notícias de que está havendo algumas publicações mesclando jornalismo e quadrinhos no Brasil¹². A interação entre cartuns, quadrinhos e jornalismo pode ter influenciado a recepção positiva da republicação de *Palestina*.

¹¹ Diversos jornais alternativos da década de 1970 como *Movimento*, *Versus*, *Ex*, *Lampião de Esquina* (Bernardo Kucinski, 1991), as revistas *Chiclete com Banana* nos anos 1980 e *Bundas* nos anos 1990, esta com diversos egressos do *Pasquim*.

¹² De acordo com reportagem do coletivo “jornalistas livres”, o uso do jornalismo em quadrinhos tem se estendido também ao Brasil, em obras como *Socorro! Polícia!*, e em outras autorais, como a de Pablito Aguiar no *Fala que eu Desenho*, dentre outras que são citadas ao longo da reportagem (Gabriel Oliveira, 2021).



Capa do jornal Pasquim, edição 161, 1972. Fonte: Fundação Biblioteca Nacional, Biblioteca Nacional Digital, Hemeroteca Digital.

A republicação de *Palestina* em edição única teve importante repercussão no Brasil, sendo noticiada em jornais e revistas de expressiva relevância, como *Veja*, *Folha de S.Paulo*, *Metrópolis* e na versão brasileira do *Le Monde diplomatique*¹³. Cabe perguntar: qual é a importância da publicação dessa obra no Brasil?

Dentre as possíveis respostas, uma é que a tensão entre palestinos e israelenses continua resultando em guerras e conflitos. Em 2021, os territórios palestinos continuam sob ocupação militar israelense, apesar de haver um reconhecimento implícito da ONU de um Estado palestino. Na prática, os territórios habitados por palestinos são descontínuos e administrados por dois grupos palestinos rivais desde 2007 (Fatah e o Hamas) e pelas forças armadas israelenses, que têm maior poderio militar.

Além disso, há questionamentos de violências, tanto pelo lado palestino como pelo israelense. Por exemplo, no lado palestino há casos como os homens bomba em território israelense durante a Segunda Intifada. No lado israelense, destaca-se a violência da ocupação militar no dia a dia dos palestinos, a atuação dos colonos judeus invadindo territórios palestinos e a questão da água.

A maior parte desses elementos, ainda atuais, são discutidos em *Palestina* e se intensificaram com a ascensão mundial de novas modalidades de extrema direita em países como Estados Unidos e Israel. Sua republicação no Brasil em 2021 ocorre num contexto em que esses grupos também estão presentes no país, como mostra uma série de trabalhos

¹³ Ramon Vitral (2021); Oliveira (2021); Lia Hama (2021); Bruna Lima (2021).

■ resenha de livro

(Rosana Pinheiro-Machado e Adriano de Freixo, 2019; Camila Rocha, 2021; Esther Solano, 2018; Benjamin Teitelbaum, 2020).

Algumas das tipologias de extrema direita brasileiras exaltam Israel como barreira contra uma suposta expansão do islamismo no Ocidente e, conforme apontam Michel Gherman e Misha Klein (2019: 117), os extremistas de direita criariam um vínculo imaginário entre esquerdismo (feminismo, direitos humanos, diversidade sexual) e o islamismo, o qual supostamente teria como objetivo destruir os valores judaico-cristãos. Esses grupos de extrema direita promovem islamofobia, que associa o islamismo ao terrorismo, exaltando o Ocidente como civilizado e com valores superiores ao do islamismo e do Oriente, como aponta Natália Cruz (2020). Outras tipologias de extrema direita, como os neonazistas, conforme indica mapeamento da antropóloga Adriana Dias, estão em ascensão no Brasil, promovendo discursos de ódio contra judeus, negros, imigrantes, LGBTQIAP+ e mulheres (Grupos..., 2022).

Essa ascensão de grupos de extrema direita intensifica preconceitos já existentes em relação aos palestinos, que são árabes e predominantemente muçulmanos, disseminados, por exemplo, em jornais brasileiros, como aponta o estudo de Isabelle Castro (2007), que já difundiam os estereótipos de “palestinos terroristas” e “muçulmano opressor”, principalmente após o episódio da destruição das torres gêmeas em Nova Iorque pelo grupo fundamentalista Al-Qaeda em 2001.

O preconceito em relação aos árabes, de acordo com a obra *Orientalismo*, de Said (2007), publicada pela primeira vez em 1978, expressa a ideologia de potências coloniais que tem como resultado um estilo de pensamento baseado na distinção epistemológica entre “Oriente” (na maior parte do tempo) e Ocidente (Said, 2007: 29). Tal distinção remete à pretensa superioridade dos europeus em relação aos “orientais”, que são exotizados. Um dos exemplos eram os orientalistas, especialistas europeus em Oriente que falavam em nome dos “orientais”. Dentre os classificados como “orientais” estavam os árabes, que têm sua história dada pela tradição orientalista e pela ideologia sionista, descritos como sombra perseguindo o judeu. Os palestinos eram vistos como nômades inconsequentes sem direito a sua terra (Said, 2007: 29). Said (2012: 103) aponta, em *Questão Palestina*, que o projeto de um Estado judeu no Oriente Médio tinha um caráter colonialista se expressando no sionismo, difundindo visões de que não havia árabes na região da Palestina, ou de serem classificados como selvagens.

Essa visão estereotipada e que poderia ser classificada como orientalista, utilizando-se as categorias de Said, se intensificou com a ascensão de novas modalidades de extrema direita, como a direita alternativa (*alternative right*) nos Estados Unidos e no Brasil, que exaltam as cruzadas do período da Idade Média como defesa da religião cristã contra o inimigo islâmico, como aponta o historiador Paulo Pacha, especialista em história medieval em entrevista para a Agência Pública (Ethel Rudnitzki e Rafael Oliveira, 2019).

Tendo em vista a disseminação desse tipo de visão, a republicação da obra de Sacco tem sido exaltada por alguns segmentos da imprensa brasileira como uma importante

contraposição à visão equivocada sobre os palestinos. Um exemplo é a entrevista de Joe Sacco para a versão brasileira do jornal *Le Monde diplomatique Brasil* sobre a republicação de *Palestina* no Brasil. Ao longo dela, o autor constata a cobertura jornalística enviesada da mídia tradicional, que apresenta versão pró-Israel, ainda que seja menos hostil atualmente. Ele afirma que antes de sua estadia na Palestina “tinha os mesmos preconceitos recorrentes em outras pessoas, achava que palestinos eram terroristas” (Sacco apud Leticia Sé, 2021). Outro aspecto discutido na reportagem é como a mídia tradicional tende a tachar de esquerdista quem não utiliza os termos depreciativos para designar os palestinos.

A republicação desse material parece importante por colocar em discussão as representações preconceituosas sobre os palestinos, além de difundir debates sobre o papel da imprensa e o viés com o qual determinados grupos étnicos e religiosos são retratados, como ocorre com judeus, alvo do antissemitismo, ou os negros, alvo de racismo no Brasil. Essa difusão se intensifica em meios não jornalísticos, como os grupos de extrema direita que promovem a ampla disseminação de notícias falsas através das redes sociais¹⁴.

O trabalho jornalístico de Sacco não nos parece idealista, ainda que mostre uma simpatia pela solução do conflito através do reconhecimento de um Estado palestino. O que está expresso no próprio título da obra é de haver um problema palestino. Porém, parece pessimista quanto à possibilidade de paz, conforme indicam suas entrevistas tanto com palestinos quanto com israelenses.

Outro aspecto interessante em *Palestina* é que seu autor conseguiu se embrenhar numa série de atividades da população investigada, presenciando, por exemplo, enterros palestinos de participantes da intifada. Fez entrevistas sobre as mais diversas temáticas, como a situação das mulheres, discutindo sobre o uso do hijab, feminismo, a situação de crianças, adolescentes e pessoas com deficiência, e o recrutamento para organizações políticas e militares palestinas da época.

Não deixa de mostrar aspectos problemáticos para os palestinos, como o machismo, o crescimento do fundamentalismo islâmico¹⁵ em determinadas vertentes, ou da visão equivocada de alguns palestinos em relação aos israelenses. Porém, as entrevistas mostram também que o resultado da situação de ocupação militar por outro Estado provoca revolta nos palestinos entrevistados, que não pode ser reduzida à discriminação contra Israel.

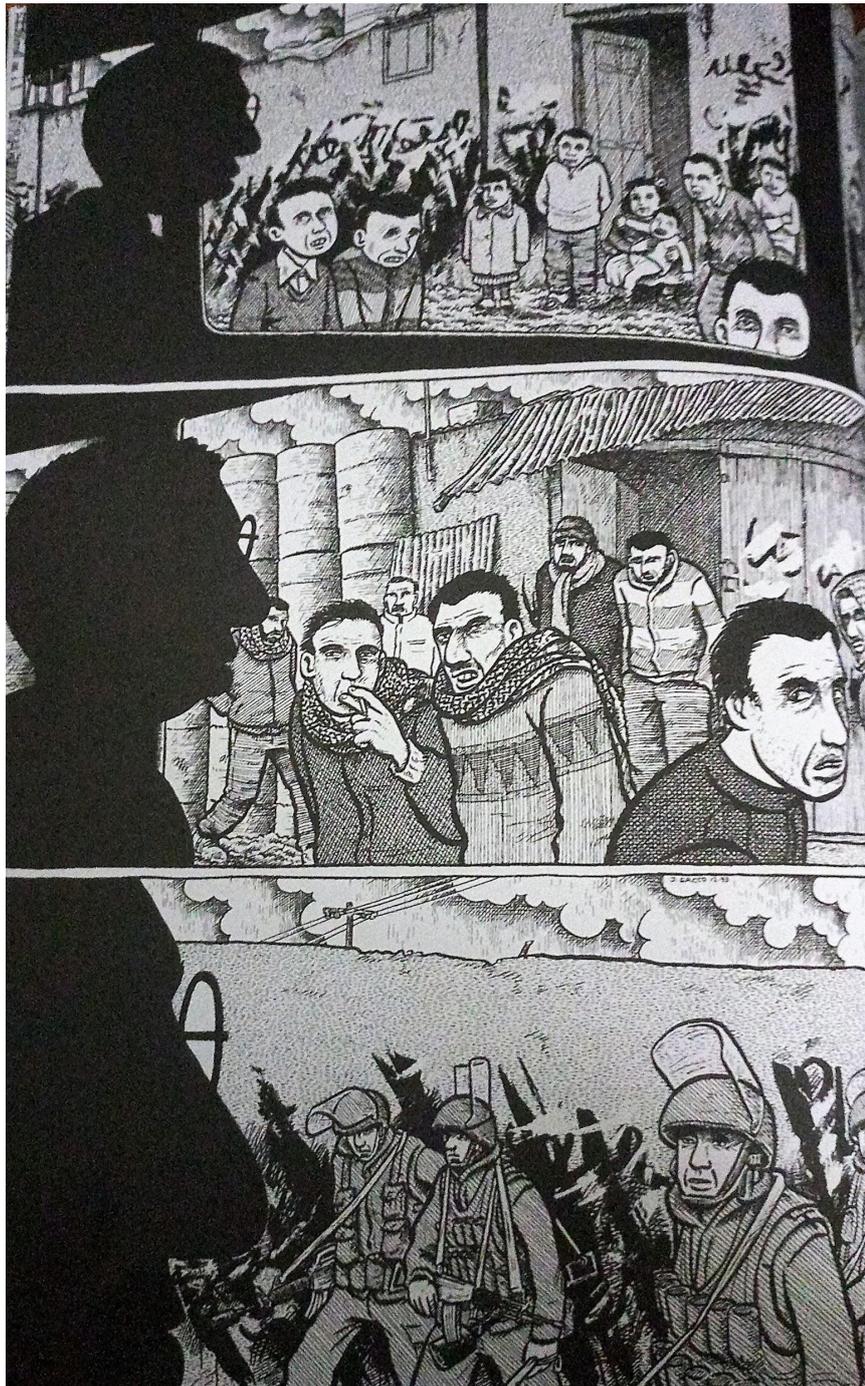
¹⁴ Dentre elas, em relação ao conflito Israel e Palestina, foram disseminadas imagens do confronto entre israelenses e palestinos no navio Mavi Marmara em 2010 que resultou em 15 mortes de palestinos e sobre o qual houve intensa disputa de narrativas (Sérgio Silveira, 2015: 215).

¹⁵ É preciso cuidado com a utilização deste termo, conforme aponta o sociólogo Boaventura de Souza Santos (2014: 29) na obra *Se Deus fosse um ativista de direitos humanos* uma vez que o termo está carregado de conotações islamofóbicas. Outras religiões podem ter vertentes fundamentalistas. Ele afirma, inclusive, que a origem desse termo é cristã-protestante, nascido nos Estados Unidos no início do século XX. As vertentes islâmicas do fundamentalismo “concebem a religião como a única fonte de legitimação do poder político e mantêm, deste modo, a unidade da religião e do Estado sob a égide da religião” (ibid.: 31). Para Santos (2014: 44), o fundamentalismo islâmico é muito mais parte de um processo amplo que ele denomina como globalização das teologias políticas e aponta que a grande diferença na época em que escreveu o livro é de se falar muito mais sobre o islã político do que sobre o hinduísmo político, o judaísmo político ou o cristianismo político.

■ resenha de livro

Outro aspecto interessante em *Palestina* é não esconder situações que atrapalham o trabalho jornalístico do autor, como seu incômodo com crianças e vendedores, tratando-o como um estranho estrangeiro, bem como sua dificuldade cotidiana por não falar árabe e a necessidade de um mediador palestino, provocando certa desconfiança.

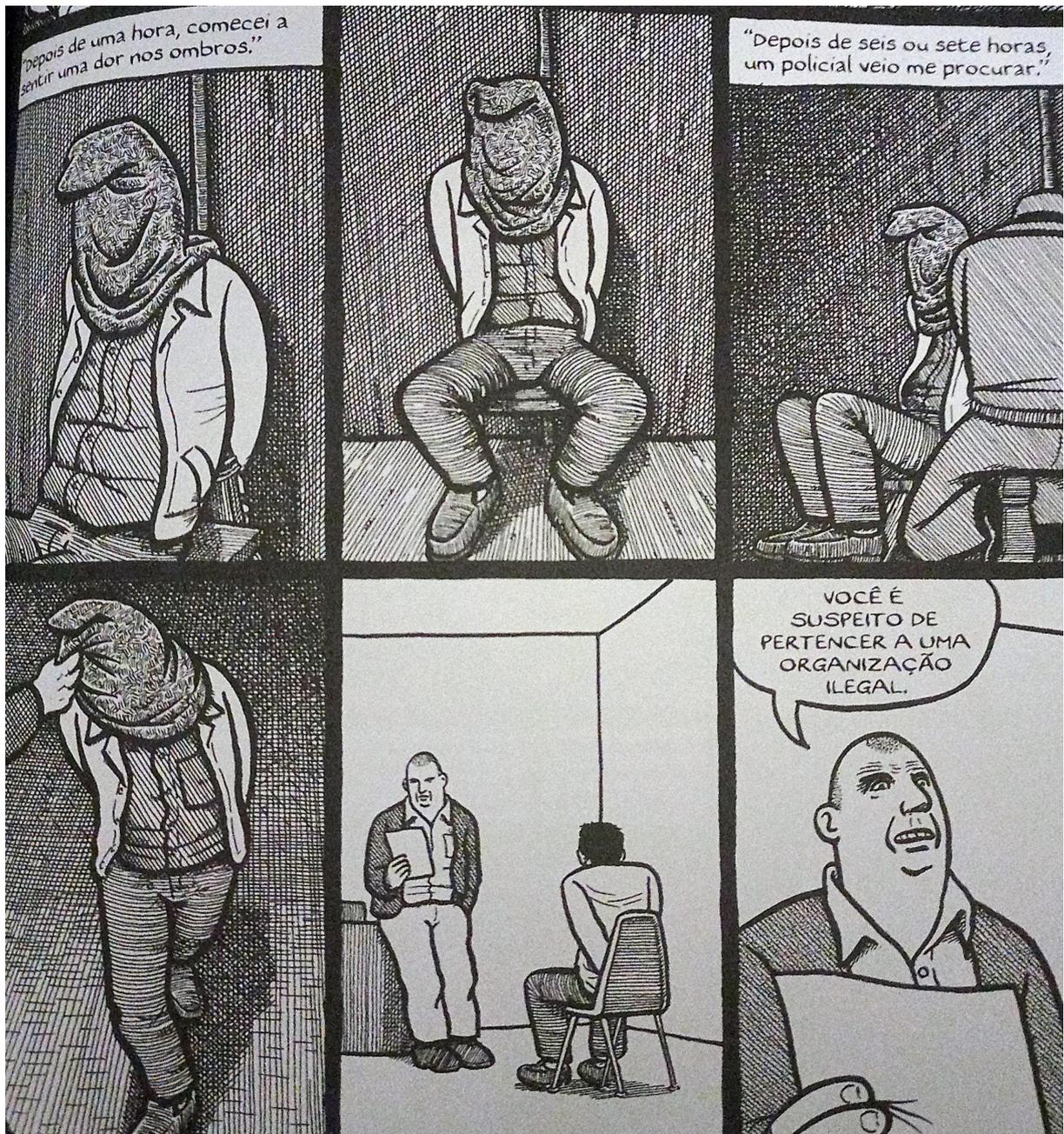
O personagem narrador é, assim, um estrangeiro maltês-americano em pleno conflito entre Israel e Palestina, convivendo com palestinos que não escondem sua estranheza. Alguns desconfiam que é um espião, outros questionam qual vai ser a validade do seu trabalho para suas vidas cotidianas.



Sacco chegando à Faixa de Gaza. Fonte: Sacco, 2021: 148.

■ resenha de livro

Em meio a esse desconforto, Sacco apresenta casos graves de violações de direitos humanos praticados por membros das Forças Armadas israelenses em territórios palestinos. O narrador personagem presencia alguns desses, outros são contados pelos palestinos entrevistados. Dentre os exemplos, destacam-se os relatos de pessoas que foram torturadas em prisões israelenses, como Ansar 3, voltada para palestinos que participaram da intifada.



Palestino recordado tortura em Ansar 3. Fonte: Sacco, 2021: 105.

Contudo, a situação mais marcante é a militarização dos territórios palestinos ocupados. A leitura do quadrinho provoca a sensação de onipresença das Forças Armadas

■ resenha de livro

israelenses, que destroem casas de palestinos acusados de participar da intifada, independente disso ser comprovado ou não¹⁶, ou as blitzes que procuram supostos terroristas, atingindo a população civil e impondo uma situação de terror.



Sacco presenciando as Forças de Ocupação Israelenses em área comercial. Fonte: Sacco, 2021: 270.

Sacco é influenciado por intelectuais críticos às ações de Israel na Palestina, como Noam Chomsky e a obra *The Fateful Triangle* e a *Questão Palestina* de Edward Said, como aponta no prefácio (Sacco, 2021: 16).

¹⁶ Os chefes das Forças Armadas israelenses defendem que isso ocorre, porque os terroristas usam túneis e os palestinos dizem ser aleatório em entrevista a Sacco (2010) em outra obra (*Notas sobre a Faixa de Gaza*).

■ resenha de livro

Ao longo da obra, há uma intertextualidade, quando Sacco aparece lendo uma edição de *Orientalismo* de Edward Said (ibid.: 177). O prefácio, como ressaltado anteriormente, é do próprio Said que exalta a obra como importante contribuição e instrumento de denúncia à opressão na região da Palestina. Porém, mais do que no prefácio, em boa parte da obra de Sacco é perceptível a influência de Said.

Uma obra com 30 anos pode ser importante não apenas pelo conflito na Palestina ter se intensificado e se agravado, mas como resposta a segmentos que seguem retratando os palestinos como terroristas e ao crescimento de setores de extrema direita, referendando tais vertentes em Israel, nos Estados Unidos e Brasil. Por sua vez, o antissemitismo cresce em países europeus com a ascensão de grupos de extrema direita (Szakacs, 2021). No caso brasileiro, o fortalecimento de grupos de extrema direita contribui para discursos preconceituosos em relação aos palestinos. Numa sociedade, como a brasileira, marcada pelo racismo estrutural, conforme mostram estudos como o de Silvio Almeida (2019), isso é ainda mais grave, e obras que contribuam para romper com discursos preconceituosos são importantes.

Outro elemento a indicar a atualidade da obra é a situação dos territórios palestinos ocupados militarmente que continuam graves, descritas por algumas agências internacionais, como a Human Rights Watch, como apartheid (ONG..., 2021). Também parece distante alguma solução de paz entre palestinos e israelenses.

Palestina de Sacco e suas outras obras jornalísticas podem ser boas fontes de iniciação aos estudos sobre o conflito Israel e Palestina, sendo importante material para professores, jornalistas, historiadores e ativistas na área de direitos humanos. Permanece atual porque a tensão entre palestinos e israelenses continua e os árabes ainda são retratados de forma preconceituosa. Desse modo, a republicação dessa obra mostra-se acertada e pertinente.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019. (Feminismos Plurais)

BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba*. Brasília, DF: Editora UnB, 1991.

CASTRO, Isabelle Christine Somma de. *Orientalismo na imprensa brasileira: a representação de árabes e mulçumanos nos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo antes e depois de 11 de setembro de 2001*. 2007. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Árabe) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. <https://doi.org/10.11606/D.8.2007.tde-01092011-102913>

CRUZ, Natália dos Reis. “Islamofobia e elementos fascistas no discurso de Olavo de Carvalho e do Movimento Mídia Sem Máscaras (MSM)”. *Revista de Ciências Sociais, Fortaleza*, v. 51, n. 2, p. 337-389, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/53097>. Acesso em: 20 nov. 2021.

■ resenha de livro

GHERMAN, Michel; KLEIN, Misha. “Entre ‘conversos’ e ‘desconversos’: o caso da influência da nova direita brasileira sobre a comunidade judaica do Rio de Janeiro”. *Estudios Sociales del Estado*, v. 5, n. 9, p. 101-123, 2019. Disponível em: <https://www.estudiossocialesdelestado.org/index.php/ese/article/view/173>. Acesso em: 20 nov. 2021.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Página Aberta, 1991.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; FREIXO, Adriano de. *Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização*. São Paulo: Oficina Raquel, 2019.

ROCHA, Camila. *Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita*. São Paulo: Todavia, 2021

SAID, Edward W. *A questão palestina*. Tradução Sonia Midori. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. Direita nas redes sociais online. In: CRUZ, Sebastião Velasco; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (org.). *Direita, Volver!:* o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fpabramo.org.br/23456789/270>. Acesso em: 20 nov. 2021.

SOLANO, Esther. *O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

TEITELBAUM, Benjamin R. *Guerra pela Eternidade: O Retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

VIGNA, Elvira. Os sons das palavras: possibilidades e limites da novela gráfica. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. 2011, n. 37, pp. 105-122. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-4018377>. Acesso em: 20 nov. 2021.

Jornais Consultados

“GRUPOS neonazistas crescem 270% no Brasil em 3 anos; estudiosos temem que presença online transborde para ataques violentos”. G1, s.i., 16 jan. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/01/16/grupos-neonazistas-crescem-270percent-no-brasil-em-3-anos-estudiosos-temem-que-presenca-online-transborde-para-ataques-violentos.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2022.

HAMA, Lia. “Direto do front: referência do jornalismo em quadrinhos, Joe Sacco pede resiliência contra Bolsonaro: ‘Resistam ao bufão’”. ECOA Uol, São Paulo, 1 ago. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/resistam-ao-bufao-quadrinista-joe-sacco-pede-resiliencia-contrabolsonaro/#cover>. Acesso em: 20 nov. 2021.

■ resenha de livro

JANJEVIC, Darko. “O que são as intifadas?”. DW Brasil, Bonn, 8 dez. 2017. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/o-que-s%C3%A3o-as-intifadas/a-41715345>. Acesso em: 20 nov. 2021.

LIMA, Bruna. “Um clássico do jornalismo em quadrinhos”. Metrópolis, Rio de Janeiro, 11 jun. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/um-classico-do-jornalismo-em-quadrinhos>. Acesso em: 20 nov. 2021.

“MINHA primeira influência é Robert Crumb, conta Joe Sacco”. UOL, São Paulo, 11 jul. 2011. Disponível em: <https://jogos.uol.com.br/videos/videos.htm?id=minha-primeira-influencia-e-robert-crumb-conta-joe-sacco-04024E9C3168C4C11326>. Acesso em: 20 nov. 2021.

“NÃO sou atraído por bombas, mas por questões de justiça social”, diz Joe Sacco”. UOL, São Paulo, 11 jul. 2011. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2011/07/11/nao-sou-atraido-por-bombas-mas-por-questoes-de-justica-social-diz-joe-sacco.htm>. Acesso em: 20 nov. 2021.

OLIVEIRA, Gabriel. “Quadrinhos invadem jornalismo com qualidade e profundidade”. Jornalistas Livres, Florianópolis, 26 jul. 2021. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/quadrinhos-invadem-jornalismo-com-qualidade-e-profundidade/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

“ONG acusa Israel de apartheid contra palestinos”. DW Brasil, s.i., 27 abr. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/ong-acusa-israel-de-apartheid-contra-palestinos/a-57349966>. Acesso em: 21 nov. 2021.

RUDNITZKI, Ethel; OLIVEIRA; Rafael. “Deus vult: uma velha expressão na boca da extrema direita”. Agência Pública, São Paulo, 30 abr. 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/04/deus-vult-uma-velha-expressao-na-boca-da-extrema-direita>. Acesso em 20 nov. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2014.

SÉ, Leticia. “‘Eu era manipulado a achar que palestinos eram terroristas’, diz Joe Sacco”. Le Monde diplomatique Brasil, São Paulo, 6 ago. 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/eu-era-manipulado-a-achar-que-palestinos-eram-terroristas-diz-joe-sacco/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

SZAKACS, Georgely. “Na Hungria, papa Francisco pede vigilância contra aumento do antisemitismo”. CNN Brasil, São Paulo, 12 set. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/na-hungria-papa-francisco-pede-vigilancia-contra-aumento-do-antissemitismo/>. Acesso em: 20 nov. 2021

VITRAL, Ramon. “Joe Sacco diz que violência na Palestina cresceu após 30 anos de HQ sobre a região”. Folha de S.Paulo, São Paulo, 28 jul. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/07/joe-sacco-diz-que-violencia-na-palestina-cresceu-apos-30-anos-de-hq-sobre-a-regiao.shtml>. Acesso em: 20 nov. 2021.

Sites especializados em Histórias em Quadrinhos

ASSIS, Érico. “100 anos de Will Eisner: vida, obra e influência do mais importante autor de HQs”. Omelete, s.i., 6 fev. 2017 Disponível em: <https://www.omelete.com.br/quadrinhos/100-anos-de-will-eisner>. Acesso em: 25 dez. 2021.

MOLERO, Erico. “Joe Sacco”. Guia dos Quadrinhos, s.i., 7 fev. 2007. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/artista/joe-sacco/482>. Acesso em: 20 nov. 2021.

Quadrinhos citados

MODAN, Rutu. *A propriedade*. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

SACCO, Joe. *Gorazde: Área de segurança a Guerra da Bósnia Oriental 1992-1995*. Tradução Sérgio Miranda. São Paulo: Conrad, 2001.

SACCO, Joe. *Uma História sobre Sarajevo*. Tradução Cris Siqueira. São Paulo: Conrad, 2005.

SACCO, Joe. *Notas sobre Gaza*. Tradução Alexandre Boide. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SACCO, Joe. *Reportagens*. Tradução Érico Assis. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SATRAPI, Marjane. *Persépolis*. Tradução Paulo Werneck. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SATRAPI, Marjane. *Bordados*. Tradução Paulo Werneck. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SPIEGELMAN, Art. *Maus: a história de um sobrevivente*. Tradução Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Filmes

O INSULTO. Direção: Ziad Doueiri. Produção: Rachid Bouchareb, Jean Bréhat. Beirute, Líbano: Imovision, 2017.